



SEÇÃO: ARTIGOS E ENSAIOS

Trajetórias juvenis em um campo de contradições: precarização do trabalho e violações de direitos no futebol masculino profissional

Youth Trajectories in a Field of Contradictions: Precariousness of Work and Violations of Rights in Professional Male Football

Maurício da Silva César¹

orcid.org/0000-0001-8462-5937
mauriciocesarpoa@gmail.com

Giovane Antonio

Scherer¹

orcid.org/0000-0003-3847-7202
giovaneantonioscherer@gmail.com

Recebido em: 1 nov. 2022.

Aprovado em: 30 jan. 2023.

Publicado em: 9 maio 2023.

Resumo: O presente artigo busca analisar como vem se constituindo a exploração do trabalho juvenil no futebol e o seu impacto nas trajetórias, modos e condições de vida dos jovens. O estudo teve a intenção de identificar como vem se desenvolvendo o mercado da bola em tempos da financeirização do capital, ao analisar como se configura o trabalho da juventude no que diz respeito à inserção no referido mercado. Frente a isso, tratou de verificar como o sistema de garantia de direitos atua na proteção social de adolescentes e jovens diante desse contexto. Tem como base uma investigação fundamentada no materialismo histórico-dialético, se constituindo como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, por meio de um estudo de campo e revisão bibliográfica junto à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e Artigos do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), incluindo materiais que tivessem relação com o tema das trajetórias juvenis no mercado de trabalho do futebol de alto rendimento. Em relação à pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com jogadores de futebol, ex-jogadores e trabalhadores de comissões técnicas das categorias de base de clubes; com o objetivo de analisar questões que envolvem a exploração do trabalho, as trajetórias, modos e condições de vida a partir da inserção no mercado do futebol. Os resultados apontam para as diversas contradições que constituem a trajetória juvenil, marcadamente fetichizada, pois o mercado de trabalho no futebol para os jovens no caminho da profissionalização se manifesta por processos de precarização e violações de direitos. Os achados da pesquisa apontam para a necessidade de romper com os fetiches do mercado da bola, que estão entranhados no imaginário social, pois a realidade, para a maioria dos jogadores de futebol, é marcada pela descartabilidade, pelos baixos salários, pela flexibilização nas relações de trabalho e pelas estruturas de trabalho precarizadas, entre outras questões invisíveis para grande parte da sociedade. Essa aparência, muitas vezes, naturaliza, esconde e oculta processos de violação de direitos que os jovens no caminho da profissionalização do futebol podem vivenciar.

Palavras-chave: juventude; futebol; trabalho; mercado de trabalho.

Abstract: The investigation aimed to analyze how the exploitation of youth work in football has been constituted and its impact on the trajectories, ways and conditions of life of young people. The study aimed to identify how the ball market has been developing in times of financialization of capital, by analyzing how youth work is configured with regard to insertion in the ball market. In view of this, to verify how the rights guarantee system acts in the social protection of adolescents and young people in this context. The research, based on a critical perspective that makes use of dialectical historical materialism as a method. It is characterized as a qualitative research, exploratory and descriptive. The study consisted of a bibliographic review research with selected studies in the Digital Library of Theses and Dissertations and articles from the CAPES Periodicals Portal that were related to the theme of youth trajectories in the high performance football job market. In relation to the field research, semi-structured interviews were carried out in the online modality, with eleven research participants,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

among them, soccer players, ex-players and workers of technical commissions of the basic categories of clubs that were available. to carry out the research. Through it, we sought to analyze issues that involve the exploitation of work, the trajectories, ways and conditions of life from the insertion in the football market. As results point to the various contradictions that constitute the youth trajectory, markedly fetishized, as the job market in football for young people on the path of professionalization is manifested by processes of exclusion. The research findings point to the need to break with the fetishes of the ball market, which are ingrained in the social imaginary, since the reality for most football players is marked by disposability, low wages, flexibility in work relationships, structures of bad work among other issues invisible to a large part of society. This appearance often naturalises, hides and hides processes of exclusion and violation of rights that young people on the path to professional football may experience.

Keywords: youth; soccer; work; job market.

Introdução

Se tornar um grande jogador de futebol é o sonho de muitos jovens brasileiros. Esse desejo acaba gerando, nos jovens e nas famílias desses jovens, desde a infância, muitas expectativas e, principalmente, a idealização de uma vida plena de riquezas materiais, conquistas de títulos esportivos, *glamour*, fama e *status* social, entre outros. No entanto, o caminho até a profissionalização não é fácil, e a imensa maioria acaba sendo descartada. A estimativa é de que menos de 1% dos jovens que desejam entrar no mercado do futebol conseguem atingir seu objetivo (TOLEDO, 2002). Sob a lógica capitalista, que visa transformar tudo na forma mercadoria, o futebol masculino de alto rendimento, caracterizado por se constituir em um mercado altamente competitivo e voraz, encontra sua expressão máxima nos megaventos, como a Copa do Mundo de futebol, as Olimpíadas e a Champions League. Dessa forma, exerce influência em termos políticos, midiáticos e financeiros, movimentando cifras astronômicas, entre outros aspectos.

Por ser um fenômeno de grande complexidade, de maneira geral, são atribuídos muitos significados ao esporte, especialmente ao futebol masculino, como um esporte de alcance mundial. Como evidencia o Coletivo de Autores (2005), o esporte de alto rendimento subordina-se aos códigos e significados impostos pela socieda-

de capitalista, pois pressupõe a exigência de máximo rendimento atlético, com o domínio de elementos técnico-táticos com a finalidade de alcançar a vitória na competição com fim em si mesmo e, com isso, pode ser visto como uma maneira de adaptação aos valores que produzem as desigualdades sociais. Segundo Rubio (2004), o esporte de alto rendimento é aquele que pode se relacionar ao esporte espetáculo, tendo o atleta profissional como protagonista ou, ainda, é uma modalidade de prática esportiva que exige do atleta dedicação e rendimento que ultrapassem uma prática amadora ou que tenha tempo livre.

O Brasil, país dependente, inserido na periferia do capital e lugar que muitos dizem ser "o país do futebol", vive um contexto de grande desigualdade social. E o futebol, acima de todos os esportes, alimenta o desejo da grande maioria dos jovens da classe trabalhadora de "mudar de vida" por meio do esporte.

Diante desse contexto de transações comerciais no mercado do futebol, com interesse em possíveis movimentações financeiras futuras, clubes de diversos lugares do mundo enviam "olheiros" destinados a monitorar jovens pelo país afora, no intuito de encontrar uma "joia rara" pronta para ser lapidada e, acima de tudo, tentando cortar custos com transferências de jogadores. Desta forma, os clubes estrangeiros se encarregam de levar os jogadores para fora do país, atletas jovens aos quais observam talento, mas que ainda não ganharam grande visibilidade e suficiente valorização no futebol nacional, para não precisar pagar valores mais altos aos clubes brasileiros em uma futura transferência. Atravessamentos esses que estão incluídos na dinâmica de um mercado mundial altamente financeirizado e bastante lucrativo de compra e venda da força de trabalho de jogadores de futebol. O jogador de futebol no Brasil, da mesma maneira que em toda a América do Sul, é transferido para os principais clubes da Europa e, após passar pelo processo de adaptação, aprimoramento da parte física, aprendizagem de determinadas questões técnicas e táticas ligadas ao estilo de jogo e às especificidades dos campeonatos nacionais do

velho continente, é valorizado e revendido por quantias muitos maiores. Contudo, esse mercado não é constituído somente por negócios com rápidos retornos financeiros e esportivos em termos de resultados. Quando os atletas, a imensa maioria deles muito jovem, não correspondem às expectativas criadas, são descartados pelo mercado da bola. Nesse sentido, o mercado do futebol não se diferencia de qualquer outro mercado inserido na lógica da produção capitalista, onde a produção e a reprodução do capital impactam na vida dos sujeitos que vendem sua força de trabalho.

Essas relações mercadológicas inscritas no âmbito da sociedade capitalista apresentam inúmeras contradições para além dos fetiches do sucesso e dos altos salários do mercado da bola propagados midiaticamente. Desde muito jovem, o jogador de futebol se constitui como um trabalhador envolvido em um mercado mundial financeirizado e o atleta, no momento em que não mais obtiver serventia por meio da utilização de sua força de trabalho, isto é, não satisfazer às necessidades do mercado do futebol, nem como atleta nem como valor de troca, podendo ser valorizado e vendido para outros clubes, é descartado como parte do processo do modo de produção capitalista, o que demonstra que a dinâmica da reificação das relações de trabalho se materializa de forma muito presente no mercado da bola.

Nesse sentido, o presente trabalho se debruçou sobre o tema das trajetórias juvenis no mercado de trabalho do futebol e buscou analisar como vêm se constituindo as trajetórias juvenis no que se refere ao trabalho dos jovens no futebol masculino de alto rendimento. O estudo é fundamentado em uma perspectiva crítica que lança mão do materialismo histórico-dialético como método. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. No que diz respeito à pesquisa exploratória, esta proporciona maior familiaridade com o problema, e seu objetivo maior está no aprimoramento de ideias ou na descoberta de intuições. Seu planejamento considera variados aspectos do fato

estudado (GIL, 2002).

O estudo realizou uma revisão bibliográfica da temática por meio dos descritores "trabalho", "juventude" e "futebol" na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BNTD) e no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram incluídos intencionalmente na análise artigos científicos, teses e dissertações acerca do tema da investigação. Na perspectiva de compreender os modos e condições de vida das juventudes inseridas no futebol de alto rendimento, o estudo realizou entrevistas semiestruturadas com jogadores de futebol, ex-jogadores e trabalhadores de comissões técnicas das categorias de base de clubes. Em razão da necessidade de respeitar o distanciamento social, as normas e as medidas sanitárias impostas pela pandemia da COVID-19, todas as entrevistas foram realizadas na modalidade on-line, mediadas por ferramentas de comunicação, respeitando as normas da ética da pesquisa em vigência no país.

Os participantes foram convidados para o estudo por meio da bola de neve, que consiste em um método de amostragem não probabilística em rede, que utiliza cadeias de referência e é utilizado para fins exploratórios para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou estudadas, de maneira que os entrevistados são procurados a partir de características específicas (VINUTO, 2014). Foram realizadas 10 entrevistas, sendo cinco dos entrevistados jovens e cinco trabalhadores da comissão técnica nas categorias de base e/ou equipes principais de clubes de futebol profissional.

O seguinte artigo revela como vem se constituindo o mercado da bola em tempos da financeirização do capital internacional e a configuração do trabalho para a juventude no que se refere à inserção laboral neste segmento. Busca-se demonstrar, nas linhas que seguem, como a exploração do trabalho juvenil no futebol impacta nas trajetórias, modos e condições de vida de jovens no que diz respeito à sua inserção no mercado do futebol, na perspectiva de contribuir com subsídios teóricos na direção da garantia de

direitos para esse segmento social.

Indústria do futebol enquanto forma de exploração do trabalho

No modo de produção capitalista, o trabalho é um componente essencial, é a base da produção de valor. É por meio do trabalho que esses conhecimentos foram se diversificando, se complexificando e se aperfeiçoando em diversos ramos. Assim, criaram-se valores, bens materiais para a manutenção e reprodução da vida que atendam às necessidades humanas, sejam elas oriundas do estômago ou da imaginação (MARX, 2013). Para isso, é necessário que o trabalho seja transformado em uma mercadoria como qualquer outra encontrada no mercado pronta para ser consumida. A divisão social do trabalho na produção, com a adoção de diferentes formas de organização do trabalho, teve o intuito de aperfeiçoar a qualidade das mercadorias, diminuir o tempo utilizado para a realização de tarefas complexas e, com isso, aumentar a produtividade do trabalho (PINTO, 2010). Evidenciando que o que move a sociedade capitalista é a necessidade incessante de produzir lucro, esse acréscimo de valor advém dos processos de trabalho ocorridos na esfera da produção e tem, na exploração da força de trabalho, a raiz da produção e reprodução do capital, pois a força de trabalho é a única capaz de criar valor. Nessa relação, o capitalista paga pelo valor de troca da mercadoria força de trabalho, não pelo valor total criado, que é superior em relação ao preço pago ao trabalhador para a utilização de sua força de trabalho. Esse acréscimo de valor produzido e não pago é denominado mais-valia (NETTO; BRAZ, 2009).

A lógica da produção de mercadorias na sociedade capitalista é múltipla e diversa. Quanto mais essas relações foram se complexificando, mais se desenvolveram as forças produtivas. Assim, atualmente, há uma heterogeneidade de formas para a reprodução desse mercado. A mercadoria

como forma social específica do capitalismo da qual a produção, fruto do trabalho, é destinada diretamente ao mercado para ser trocada por dinheiro. Portanto, a produção é levada para a esfera da circulação no mercado. Assim como inúmeras outras atividades que são produzidas na sociedade capitalista, o futebol também se insere no âmbito da sociedade mercantil. O futebol, como um esporte moderno, advindo dos jogos populares e diversos jogos com bola das classes populares inglesas a partir do século XVIII e intensificado nos séculos XIX e XX, diz respeito a uma prática corporal de caráter competitivo que tem como características principais o rendimento físico, a racionalização, a busca por bater recordes, a igualdade de chances, a especialização dos papéis, a burocratização, o desenvolvimento e a utilização de métodos de treinamento com base na ciência (BRACHT, 2005). Ao longo do tempo, o futebol foi adquirindo mais importância e se tornando um esporte imensamente visto, praticado e comercializado em diversos países do mundo. Sobre a dimensão alcançada pelo futebol, a Federação Internacional de Futebol (FIFA), entidade máxima desse esporte, possui mais membros que a Organização das Nações Unidas (ONU). A saber, a FIFA possui 211 e a ONU 193 membros.² Somente por esse motivo, é possível perceber o alcance e a difusão que o futebol atingiu em nível internacional. A visibilidade do futebol em âmbito mundial ocorreu com a contribuição e com o avanço dos meios de comunicação de massa, com a ampliação da exposição do esporte com a televisão, o jornal, o rádio e a *internet*, entre outros. Na realidade brasileira, o futebol se tornou hegemônico em relação aos outros muitos esportes. Especialmente, em relação à hegemonia midiática, no maior programa de esportes transmitido em rede nacional, há predominância massiva do futebol em relação a todos os demais esportes (SMOUTE; GOMES; COUTINHO 2017).

Todo esse desenvolvimento do futebol abriu

² MARANHÃO, Fabiana. Lista da Fifa tem 18 países a mais do que a da ONU. Veja quais e por quê. *In: Uol*. Montevideu, 21 jun. 2018. <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/06/21/lista-da-fifa-tem-18-paises-a-mais-do-que-a-onu-veja-quais-e-por-que.htm>. Acesso em: 11 dez. 2022.

espaço para que o esporte se vinculasse aos setores da produção industrial e à venda de mercadorias em escala global. À medida em que ocorre o processo caracterizado como esportivização, diversas práticas corporais são transformadas em esporte e assumem os códigos desse fenômeno (GONZÁLEZ, 2008). O esporte passou, cada vez mais, a ser usado também para propagar a ideia do consumo de mercadorias, com o uso, a venda e a divulgação de marcas. Dessa forma, se transformou em uma mercadoria dentro da sociedade do espetáculo, caracterizada por relações sociais mercantilizadas e mediatizadas por imagens (DEBORD, 2003). Adorno e Horkheimer (1985) se referem ao que denominam de Indústria Cultural, que diz respeito às diversas produções artísticas e culturais inseridas nas relações de produção capitalista, de forma que as massas de trabalhadores, em seu momento de lazer, não precisem pensar, e se constituam apenas como consumidores de produtos culturais (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Por se tratar de um fenômeno de grande complexidade, são atribuídos muitos significados ao esporte. Como evidencia o Coletivo de Autores (2005), o esporte de alto rendimento subordina-se aos códigos e significados impostos pela sociedade capitalista, pois pressupõe a exigência de máximo rendimento atlético, com o domínio de elementos técnico-táticos, com a finalidade de alcançar a vitória na competição com fim em si mesmo e, com isso, pode ser visto como uma maneira de adaptação aos valores que produzem as desigualdades sociais.

Num esforço de síntese, podemos dizer que o esporte de alto rendimento ou espetáculo, aquele imediatamente transformado em mercadoria, tende, a nosso ver, a assumir (como já acontece em maior escala em outros países, como nos EUA) as características dos empreendimentos do setor produtivo ou de prestação de serviços capitalistas, ou seja, empreendimentos com fins lucrativos, com proprietários e vendedores de força de trabalho, submetidos às leis do mercado. Isso se reflete nos apelos cada vez mais frequentes à profissionalização dos dirigentes esportivos e na administração

empresarial dos clubes (empresas) esportivos (esportivas) (BRACHT, 2005, p. 18).

O futebol como um espetáculo³ acaba por despertar diversos tipos de afetos. Um dos mais observáveis é a paixão dos torcedores, assim como o sonho incutido na cabeça do jovem de se tornar um grande jogador, para poder, assim, usufruir das benesses que o futebol pode proporcionar. Com grande força no Brasil, que muitos dizem ser "o país do futebol" acima de todos os esportes, o futebol alimenta o desejo de parte significativa dos jovens da classe trabalhadora de "mudar de vida" por meio do esporte. Contudo, o investimento das famílias e dos jovens na direção de se profissionalizar no futebol é feito sem uma análise criteriosa sobre o que é esse mercado, o tempo de formação exigido e os sacrifícios que deverão ser feitos para entrar e se manter nesse ramo da economia.

O futebol é utilizado de diversas formas. Sua abrangência é empregada na reprodução das marcas e na venda de mercadorias de qualquer natureza vinculadas ou não ao esporte. Como espetáculo, despertou o interesse dos empresários que enxergam o futebol como um grande negócio (REIS, 2006). Assim, a publicidade empregada dentro de uma série de ações de *marketing* funciona como um dos mecanismos que auxiliam no ciclo de rotação ou giro de capital.

O número de vezes que um capital é empregado em certo período de tempo para lançar no mercado uma certa quantidade de mercadorias. No setor produtivo, quanto maior esse número, maior a quantidade de mercadorias criadas e, portanto, de valor embutido nelas. Assim cresce também a massa de lucro efetivamente gerada no período e a taxa de lucro fixada para aquela massa específica de capital (GRESPLAN, 2019, p. 53).

A realização de megaeventos esportivos ocorre a cada quatro anos. Nesse momento, a audiência é "concentrada" e são vistos, em quase todos os países do mundo, os ciclos de Jogos Olímpicos e Copa do Mundo de Futebol. Esses eventos

³ A prática de assistir jogos de futebol profissional nos estádios se tornou, no final do século XX, uma das principais atividades de lazer de grande parte da população ocidental. O futebol como espetáculo e/ou mercadoria tornou-se um tema de estudo para sociólogos, antropólogos, economistas, advogados, principalmente na Europa (REIS, 2006, p. 13).

colocam ainda mais em evidência as marcas e produtos para, assim, alavancar o setor produtivo, comercial e financeiro especulativo, entre outros.

Contraditoriamente, a realização de eventos esportivos de grande magnitude influencia enorme e diretamente na vida das pessoas. Caso do Brasil, no último período, nos Jogos Panamericanos do Rio de Janeiro (2007), Copa das Confederações (2013), Copa do Mundo de Futebol no Brasil (2014), Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016). Todo esse ciclo de megaeventos, especialmente a Copa do Mundo de 2014, teve como um dos principais impactos as remoções de populações pobres de suas comunidades locais em favor de uma política que beneficiou a especulação imobiliária em espaços valorizados das diversas cidades do país, o que acabou por gerar, durante esse período e posteriormente a eles, inúmeras manifestações e conflitos contrários à ocorrência dos eventos e contou com forte aparato estatal militar com ações conjuntas da polícia e do exército na repressão às manifestações para garantir que acontecessem os megaeventos a qualquer custo (BRASIL, 2015).

Durante o período de vigência dos megaeventos, houve a suspensão de diversas normas constitucionais a partir da aprovação e implementação da Lei n.º 12.663 de 2012, a Lei Geral da Copa, com a qual o governo brasileiro conferiu enormes poderes à FIFA. A concessão de poderes irrestritos durante a realização dos jogos acarretou diversas violações de direitos, como a exploração do trabalho infantil ligado aos jogos, entretanto, o trabalho de glandula é proibido desde 2004, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente. O código de defesa do consumidor passou a ser inoperante no caso da venda de ingressos, de forma que a FIFA obteve total liberdade para estabelecer os preços dos ingressos sem respeitar a legislação vigente. Assim, o direito à meia entrada foi desconsiderado quase que por completo e, ainda, caso a FIFA obtivesse alguma lesão por parte do comércio local, o estado teria a obrigação de ressarcir financeiramente a entidade máxima do futebol por possíveis danos aos patrocinadores

credenciados para o torneio. As áreas públicas no entorno dos estádios se tornaram propriedade privada, de forma que essas empresas receberam a permissão de operar de acordo com suas próprias regras nos dias de jogos (MAIOR, 2014).

Para Vainer (2014), os megaeventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, contribuem para gerar cidades mais desiguais e segregadas, pois, por meio das parcerias público-privadas, transferem recursos públicos, financeiros, fundiários e políticos para a iniciativa privada que opera de acordo com seus interesses. Isso cria um estado de exceção permanente financiado pelo Estado em favor da iniciativa privada.

Em relação ao mercado do futebol, ele não se diferencia de qualquer outro mercado inserido na lógica da produção capitalista, onde a produção e a reprodução do capital impactam nos sujeitos que vendem sua força de trabalho, sendo a precarização do trabalho o traço estrutural do modo de produção capitalista (ALVES, 2013). E o jogador de futebol se constitui, então, como um trabalhador envolvido em um mercado mundial financeirizado. Para refletir sobre a coisificação das relações sociais, fenômeno específico na sociedade capitalista, por se tratar da compra e da venda da força de trabalho de seres humanos, jogadores de futebol se constituem, além de sujeitos que vendem a sua força de trabalho, seres objetificados, em uma perspectiva reificada no âmbito das relações sociais tecidas no mercado da bola.

No contexto de uma crescente esportivização das práticas corporais aliada à espetacularização do esporte, o futebol foi adquirindo os contornos de uma grande indústria com movimentação financeira bilionária, mercado de transferências de jogadores, comercialização de transmissão e direitos de imagens. E a força de trabalho dos jovens jogadores de futebol, principal "engrenagem" dessa indústria, é transformada em mercadoria e explorada conforme o interesse do capital. A relação entre pessoas ganha o caráter de coisa e adquire uma "objetividade fantasmática", de maneira que essa racionalidade rigorosa encobre o caráter imediato, concreto, qualitativo

e material de todas as coisas (LUKÁCS, 2003). O trabalhador ocupa o lugar de uma engrenagem, apenas um objeto que produz valor dentro do maquinário produtivo da sociedade capitalista. Os seres humanos passam a não se constituírem mais enquanto sujeitos. À medida que a vida humana, a partir do processo de trabalho, se transforma em mais um componente para a produção dessa maquinaria, as mercadorias ganham *status* e poder que seriam equivalentes ao da vida humana, os bens materiais adquirem importância maior que a própria vida.

E, dessa forma, dentro de um mercado heterogêneo, o futebol é tido como um trabalho e o jogador de futebol se coloca em uma relação coisificada nesse mercado. E, diferente do que se coloca no imaginário social, o futebol brasileiro dispõe de limitados cargos com altos retornos financeiros (MELO *et al.*, 2016; SOARES *et al.*, 2011a). Assim sendo, representa um mercado muito competitivo e disputado para os postos de trabalho com grandes remunerações, pois a imensa maioria dos jogadores de futebol e das comissões técnicas dos clubes têm rendimentos baixos.

Uma parte importante da renda dos grandes clubes provém da "venda de jogadores", inclusive há uma estimativa de "venda de jogadores" dentro do orçamento dos clubes. Os principais clubes do país, juntos, projetam em seus orçamentos receber por volta de R\$ 1 bilhão em 2022 com a venda de jogadores.⁴ Vale destacar que nem sempre essas projeções se efetivam e que se concentram em pouquíssimos clubes, como é o caso do Flamengo, atualmente o principal clube do Brasil em receitas – somente ele efetivou, em vendas, R\$ 295 milhões em 2019, R\$ 270 milhões em 2020 e, para o ano de 2022, a perspectiva

é de 27 milhões de euros,⁵ por volta de R\$ 186 milhões.⁶

Cada vez mais os clubes dependem da venda de jogadores para realizarem pagamento de salários e investirem em estrutura, em suma, para manterem suas contas em dia. Por isso, não só os empresários têm interesse em realizar grandes transações, mas também os clubes, assim como os jovens aspiram receber grandes salários. No entanto, a procura dos jovens para entrar no mercado do futebol é muito maior do que a oferta de oportunidades existentes e, entre aqueles jovens que conseguem chegar nos clubes do mercado internacional, especialmente o europeu, a maioria tem como destino clubes de divisões inferiores em países em que a remuneração está abaixo do que se espera (SOARES *et al.*, 2011a). Segundo dados publicados no documento intitulado "raio-x do mercado do futebol brasileiro"⁷, relatório elaborado pela diretoria de registro, transferência e licenciamento da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) sobre as negociações de jogadores e jogadoras que foram contratados ou saíram para outros clubes no futebol brasileiro ocorridas de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2020, a CBF informa que havia registrado na entidade 2.870 negociações, 162 envolvendo valores. Do exterior para o Brasil foram 25 empréstimos e 33 compras, chegando ao valor de R\$ 531.566.271,00. Já no caminho contrário, saindo do Brasil para o exterior, foram 33 empréstimos e 82 vendas, totalizando R\$ 1.682.658.442,00. As transações de jogadores entre os clubes de futebol brasileiro foram 40, movimentando, ao todo, R\$ 291.618.000,00. Contabilizando todas as movimentações que envolveram dinheiro, na cotação de câmbio da época, o total de R\$ 2.505.842.713,00 foi movimentado. O relatório deixa bastante nitido o volume

⁴ SIQUEIRA, Igor. Metade da série a planeja quase 1 bilhão em venda de jogadores em 2022. *In: Uol*. Rio de Janeiro, 3 jan. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/01/03/metade-da-serie-a-planeja-quase-r-1-bilhao-em-vendas-de-jogadores-em-2022.htm>. Acesso em: 11 dez. 2022.

⁵ As vendas muitas vezes são realizadas em euro, dólar, libra esterlina entre outras moedas que, na cotação cambial, se apresentam muito mais valorizadas em relação à nossa moeda corrente, o real, assim é possível observar grandes montantes na conversão de valores nessas transações.

⁶ HUBER, Fred. Orçamento 2022: Flamengo prevê R\$ 847 mi com receitas recorrentes e separa R\$ 100 mi para contratar. *In: Ge*. Rio de Janeiro, 8 dez. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/orcamento-2022-flamengo-preve-r-847-mi-com-receitas-recorrentes-e-separa-r-100-mi-para-contratar.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

⁷ Assessoria cbf. Raio-X do mercado 2020: transferências do futebol movimentaram R\$ 2,5 bilhões. *In: Cbf*. Rio de Janeiro, 1 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-do-mercado-2020-transferencias-do-futebol-movimentaram-r-2-5>. Acesso em: 15 dez. 2022.

e os valores envolvidos nas movimentações do mercado do futebol, evidenciando que o número de jogadores que saem do Brasil para jogar no exterior é maior do que o dos que chegam para atuar no futebol nacional e que são pouquíssimas as negociações envolvendo valores, no entanto, essas reduzidas transações movimentaram grandes quantias de dinheiro.

Para além da venda de jogadores, existem outras formas com as quais os clubes se organizam para adquirir recursos financeiros. Entre elas estão os acordos firmados para a transmissão de jogos pelos canais de televisão aberta e fechada, no qual os assinantes pagam para ver determinados jogos e eventos (*pay per view*), a exibição de patrocínios nos uniformes de jogo e de treino, a venda de ingressos para os jogos, receber premiação por terminar bem colocado ou por avançar de fase nas competições que disputa, ser campeão de campeonatos, adquirir e manter os sócios torcedores do clube que pagam regularmente uma quantia em dinheiro para obter alguma vantagem (como não pagar ingresso para ir aos jogos, entre outras), realizar eventos no estádio, casamentos, visitas ao vestiário e ao campo de jogo, venda de alimentos e bebidas, estacionamento, venda de materiais atrelados à imagem do clube (canecas, bolas, chaveiros, itens de vestuário), entre outros. Além disso, o futebol movimenta um infinidade de setores da indústria com suas atividades, como, por exemplo, o ramo de fertilizantes para a irrigação do campo, os plantios de gramas naturais específicas que propiciam que a bola role melhor sem quicar pelo gramado, o que acaba por influenciar na qualidade do jogo, as gramas sintéticas, a construção de estádios, arenas, centros de treinamento, os equipamentos de musculação, o controle e o aprimoramento da parte física dos atletas com o uso de tecnologias, *softwares* para análise de desempenho, a contratação de profissionais para compor o departamento médico, psicológico e jurídico dos clubes, os gastos com alimentação, segurança e limpeza e, em dias de jogos, ocorre a venda de bebidas e alimentos para o público em geral, entre outros tantos.

Nesse sentido, o futebol se constitui como um mercado inscrito no âmbito das relações sociais de produção. E, para entender o mercado da bola no contexto atual, com as suas múltiplas particularidades e sendo ele parte componente da questão da financeirização do capital internacional, é preciso compreender o contexto histórico do futebol. Atualmente, o futebol, que foi se consolidando ao longo do tempo, se constitui como um mercado mundializado, altamente financeirizado, e o jogador de futebol ocupa o lugar de um trabalhador que vende o seu "pé de obra". Nesse contexto, as categorias de base se constituem, especialmente, em uma preparação da força de trabalho para o mercado do futebol, marcadamente competitivo, que tende a descartar a força de trabalho de grande parte dos trabalhadores inseridos nessas relações. Todo esse processo é permeado por muitas contradições e fetiches. Nesse âmbito, o debate acerca do sistema de garantias de direitos emerge como concepção importante para evidenciar as violações de direitos dos atletas no processo de profissionalização, enquanto elemento comum e, muitas vezes, oculto e naturalizado por meio dos fetiches desse mercado que serão evidenciados na próxima seção.

Precarização do trabalho no contexto da trajetórias juvenis no futebol masculino profissional

O sonho de se tornar um jogador de futebol permeia o imaginário, desde muito cedo, de muitas pessoas. A inserção no mercado de trabalho do futebol é um elemento de desejo, especialmente da juventude, diante da construção social ligada à fama e ao sucesso. Alguns clubes estabelecem uma idade mínima, em torno dos sete, oito anos de idade, com o ingresso em uma categoria de iniciação ao futebol que é mais recreativa e sem muitas cobranças e, a partir daí, as categorias se dividem por faixa etária: sub-10, sub-11, sub-12,13,14,15, e assim por diante, até chegar ao profissional. Um dado relevante, e pouco divulgado de um modo geral, é que em relação ao ingresso no mercado do futebol a estimativa

dos jovens que desejam adentrar no mercado da bola e que conseguem se tornar jogadores de futebol é de menos de 1% (TOLEDO, 2002). Dessa forma, o mercado da bola se apresenta altamente competitivo, a disputa para ocupar uma vaga é extremamente acirrada e a grande maioria dos jovens que fazem as peneiras não é aproveitada. Segundo Rigo *et al.* (2018), as peneiras não têm servido para a captação de futuros jogadores e os clubes têm se utilizado dessas ações mais como estratégias de marketing. De saída, a exclusão é parte do processo e é tratada com naturalidade pelos clubes, gerando muitas decepções ao longo dessa complexa jornada. Melo *et al.* (2016, p. 402) afirmam que: "em geral, trata de frustrar as expectativas de um enorme contingente de jovens aspirantes à profissionalização no futebol", visto que esse mercado é muito competitivo e não há vagas para todos os jovens que aspiram ser jogadores profissionais. Mesmo que a realidade seja dura e a grande maioria de jogadores não seja "aproveitada", a formação de atletas no Brasil funciona como uma indústria que atende ao mercado interno e externo e que tem como matéria prima, em sua maioria, jovens na faixa etária entre os 12 e 16 anos (SOARES *et al.*, 2011a). Faixa etária essa, em que os jovens estão em constantes mudanças, não só fisiológicas como outras tantas.

É importante salientar que o caminho da profissionalização no futebol começa de forma bastante precoce, na maior parte das vezes na infância. É um caminho difícil e longo com mais de 5 mil horas entre treinos e jogos (SOARES *et al.*, 2011a), com duração de aproximadamente 10 anos de formação no futebol, dedicados à preparação física e práticas disciplinadas de aprimoramento de técnicas (DAMO, 2005). Assim, são raríssimos os casos de jogadores que atingiram destaque que se profissionalizaram depois de adultos ou que não passaram por categorias de base, isso é: a formação para o trabalho no mercado da bola, necessariamente, se inicia na infância e na

adolescência.

A trajetória juvenil dos atletas no processo de preparação da força de trabalho para uma possível inserção no mercado de trabalho do futebol geralmente começa com o ingresso nas categorias de base. Uma das muitas particularidades está na forma de selecionar os jogadores que fazem parte desse mercado. A maneira mais conhecida de entrada se dá por meio da realização de testes, as chamadas "peneiras". No entanto, é bastante frequente o acesso por outros meios, como a indicação direta de empresários, treinadores, dirigentes, olheiros ou, ainda, os jogadores podem vir das escolinhas dos próprios clubes. Em muitas dessas escolinhas os próprios jovens e suas famílias pagam uma mensalidade, em alguns clubes não há nenhum tipo de cobrança ou, ainda, funcionam de uma forma mista, com alguns jogadores pagando mensalidade e outros não. Desde o início da trajetória no mercado do futebol o jovem atleta é inserido em um complexo mercado.

No contexto do futebol, à medida que a preparação para o mercado de trabalho nas categorias de base vai se aproximando da profissionalização, a exigência de esforço e empenho vai se intensificando. Logo, o centro desse processo não se relaciona ao bem-estar ou à garantia de direitos de crianças, adolescentes e jovens, mas sim à produção de uma força de trabalho para inserção no mercado da bola. Como pode ser observado nas falas dos jogadores:

[...] No começo a gente treinava 2 vezes por semana, daí depois foi aumentando, foi pra 4 e até treinar segunda-feira. E agora eu ainda to na categoria de base que é o meu último ano, treino às vezes 2 turnos semana inteira os 7 dias (Jogador 7, informação verbal).⁸

[...] Olha, novo assim dos 11 anos aos 12 anos eu treinava 3 vezes por semana, segunda, quarta e sexta. Aí a partir de 2012 pra frente os treinos já começaram ser de segunda a sexta ou de segunda a sábado, sempre a semana inteira praticamente. Mas é uma rotina, assim, no início bem tranquila e depois já começou a ficar bem,

⁸ Depoimento do jogador 7 concedido aos pesquisadores no dia 13 de agosto de 2021. Os depoimentos foram cedidos por meio de entrevista semiestruturada realizada na modalidade on-line, mediadas por ferramentas de comunicação. Todos os jogadores de futebol, ex-jogadores e trabalhadores de comissões técnicas das categorias de base de clubes serão tratados de forma anônima, indicados por números para preservar suas identidades.

"não cansativa" acelerada, bastante corrida (Jogador 8, informação verbal).⁹

Os relatos citados evidenciam que a rotina varia conforme a idade e que, à medida que os atletas vão subindo de categoria, a carga de treinamentos vai aumentando progressivamente. Nesse sentido, "a história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar" (GALEANO, 2015, p. 10). Assim, aquela brincadeira de jogar bola que, na maioria das vezes, começou pelo simples divertimento, ao longo do tempo, vai se transformando em uma qualificação da força de trabalho, sendo capturada pela lógica de mercado.

Ainda em relação à discussão sobre a formação como preparação para o mercado de trabalho no futebol, Damo (2005) e Guimarães (2015) afirmam que há uma diferença substancial na discussão sobre o processo de formação e de produção de jogadores de futebol. A formação figura como sendo um processo que envolve a aprendizagem em um sentido pedagógico; já o processo de produção de jogadores de futebol, tem um modelo voltado para o mundo dos negócios e a consequente inserção dentro da lógica capitalista de produção de mercadorias, o caso do jogador de futebol com a compra e venda da força de trabalho. Nesse contexto, a produção de jogadores se torna cada vez mais acelerada, e é na adolescência que a carreira profissional dos atletas de futebol começa a tomar seus rumos (SOARES *et al.*, 2011b). O caso de maior destaque dos últimos anos foi a venda de Vinicius Júnior do Flamengo para o Real Madrid, em 2017, por 45 milhões de euros. Naquele momento, o jogador tinha 16 anos, no entanto, só pôde se transferir de fato, após completar os 18 anos de idade.¹⁰

De forma geral, falando sobre a trajetória juvenil dentro do contexto da profissionalização, a juventude ainda sofre com o estigma de ser vista como um período considerado de transição da

infância para a fase de maturidade e consequente "preparação", condicionamento ou aprendizado da força de trabalho para a inserção no mercado profissional (GROPPO, 2016). Importante considerar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) no Art. 3º assegura, por lei, a toda criança e adolescente todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, e o Estatuto da Juventude (2013) no seu Art. 28 garante ao jovem o direito à prática desportiva destinada a seu pleno desenvolvimento. Como prioridade absoluta do Estado, a infância, a adolescência e os jovens devem ser colocados a salvo de qualquer tipo de violação de direitos.

No contexto do futebol, à medida que a preparação para o mercado de trabalho nas categorias de base vai se aproximando da profissionalização, a exigência de esforço e empenho vai se intensificando. As cobranças por melhorar o desempenho e a performance esportiva, de certa forma, acabam por exercer uma pressão e um certo tipo de controle sobre os jovens. Esses elementos estão ligados à reformulação adotada pelo capitalismo, a chamada racionalidade neoliberal, que está associada à construção de um modo de ser e de agir em que os valores presentes na lógica de mercado vão sendo internalizados dia a dia nos sujeitos, inclusive em sua forma de pensar. Segundo Dardot e Laval (2018), o neoliberalismo vai além do sentido "clássico" a ele empregado, como liberdade de mercado, não intervencionismo do Estado na economia e retirada de direitos conquistados pela classe trabalhadora em luta. Para os dois autores, o neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, é o fundamento de uma racionalidade que é, mas que, ao mesmo tempo, transcende, uma política econômica ou uma ideologia. Com base de sustentação no Estado, implica na tentativa de estruturar e organizar a ação dos governantes, assim como a conduta dos submetidos a eles, moldando a subjetividade das pessoas.

⁹ Depoimento do jogador 8 concedido aos pesquisadores no dia 18 de novembro de 2021.

¹⁰ CASTRO, Vinicius. Vinicius Jr. dá ao Fla a 2ª maior venda da história do futebol brasileiro. *In: Uol*. Rio de Janeiro, 22 maio 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2017/05/22/vinicius-jr-da-ao-fla-a-2-maior-venda-da-historia-do-futebol-brasileiro.htm>. Acesso em: 17 dez. 2022.

Da mesma maneira, quando questionados, os treinadores deram alguns indícios daquilo que é o básico para se obter sucesso no futebol e, nas respostas obtidas, muito está associado ao comportamento que deve ser seguido, o foco no trabalho e nas tarefas individuais a serem executadas.

Ah a disciplina, eu acho que esse é o principal porque eu já vi vários jovens talentosos que não conseguem chegar porque tem a falta dessa disciplina, desse foco, dessa dedicação. Então eu vejo alguns atletas inferior tecnicamente, mas que tem essa disciplina de querer treinar, de querer cuidar da sua alimentação, de levar a sério isso e aí eles conseguem chegar (Treinador 3, informação verbal).¹¹

Ter talento, mas ser esforçado, te dedicar, comprar a ideia, tu querer sempre um algo mais, buscar ser um atleta melhor, se alimentar melhor, dormir melhor, buscar uma carga de treino máxima possível sem ter uma lesão, acredito que é isso (Treinador 5, informação verbal).¹²

As falas ressaltam a importância da disciplina, do desejo e do compromisso individual para se atingir o sucesso. Chama atenção, ainda, a frase "buscar uma carga de treino máxima possível sem ter uma lesão", evidenciando a contradição entre a exigência de máximo desempenho e a convivência com grande possibilidade de lesão e a descontinuidade da carreira de atleta no futebol de alto rendimento, ao mesmo tempo que jogam sobre o jovem a responsabilidade de subir na carreira. A valorização do esforço individual como principal componente do sucesso indica que esse mercado está inserido diretamente na lógica neoliberal, não se resume à qualificação técnica em si, mas também a uma série de outros fatores exigidos e voltados para se atingir a profissionalização que estão para além da carga horária de treinamentos e extrapolam a chamada relação "campo e bola". Todas essas exigências na busca por melhorar o desempenho e a performance esportiva, de certa forma, acabam por exercer uma pressão e um certo tipo de controle

sobre os jovens.

Não é por acaso que o talento¹³ por si só não é suficiente, deve vir acompanhado de esforço, dedicação e máximo desempenho, uma perspectiva que não se diferencia tanto dos diversos ramos da produção industrial. Para Alves (2013), no modo de produção do capital, a forma organizacional toyotista do trabalho, ou gestão *just in time*, tem por base a técnica como pressuposto para a "captura" da subjetividade, de forma que o tempo de vida é reduzido ao tempo de trabalho, destruindo com a possibilidade de desenvolvimento pessoal dos indivíduos sociais. De forma que as relações sociais são determinadas pela generalização da competição, e essa é tida como uma norma "natural" a cada um de nós de acordo com o modelo de mercado, pois cria a imagem do sucesso e dos que são bem-sucedidos relacionada à valorização do individualismo e do esforço individual. Isso reforça a ideia de que alguns sujeitos que não desistem, se superam, se reinventam como empreendedores de si no formato de uma empresa, sem a análise de totalidade da realidade, e se o indivíduo é descartado a justificativa é de que o jogador, o trabalhador, não foi bom o suficiente e a culpa e a responsabilidade do fracasso é também individual por não ter se esforçado o bastante, justificando a desigualdade social e a violência estrutural.

Com a intensificação da cobrança por desempenho ao passo que a profissionalização se aproxima, jovens atletas são levados a colocar os treinamentos como prioridade em suas vidas, tendo que renunciar a muitas outras atividades em prol do sonho de se tornar um jogador profissional. Todos esses atributos impõem aos atletas em formação abdicar de uma vida comum para se dedicarem à profissionalização no futebol, "os atletas em formação reclamam da ausência de vida normal, do excesso de trabalho, dos treinos de diferentes naturezas e das proibições

¹¹ Depoimento do treinador 3 concedido aos pesquisadores no dia 12 de julho de 2021.

¹² Depoimento do treinador 5 concedido aos pesquisadores no dia 5 de agosto de 2021.

¹³ Em relação à discussão sobre o talento, Marx e Engels (2010) relacionam a visão exacerbada do talento relacionado indivíduos especiais como sendo resultado da divisão social do trabalho, pois essa valorização se daria às custas do não desenvolvimento das qualidades da maioria dos sujeitos, assim alguns poucos terão as melhores condições para desenvolver seus talentos e, assim, serão considerados indivíduos únicos.

de sair à noite. Tudo isso significa controle social" (RODRIGUES, 2004, p. 264-265). A construção da ideia de um sacrifício pelo qual terão que passar naturaliza e, às vezes, oculta o processo de exclusão de diversos momentos em família e espaços de lazer, por exemplo, dos quais terão que abrir mão nesse processo. A perda de espaços de lazer e momentos em família impacta diretamente na vida dos jovens atletas e, em muitos casos, se constitui também em uma violação de direitos. Muitas vezes ocultada pela ideia de "esforço" necessário para se alcançar a profissionalização, acaba incidindo sobre o direito ao lazer, garantido no Art. 6º da Constituição Federal (1988) que, da mesma forma, em seu Art. 227, coloca como dever da família, da sociedade e do Estado assegurar esse direito, e reiterado no Art. 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Em relação ao direito à educação dos jovens jogadores, o investimento na carreira de atleta acontece concomitantemente ao processo de escolarização dos jovens, principalmente na adolescência, momento em que os jovens entram nos últimos anos de escolarização. A fase a partir dos 16 anos é importante para a profissionalização no futebol. Essa é uma fase que determinará suas possibilidades no mercado do futebol, assim, existe a predominância dos jovens nas categorias sub-17 e sub-20, que concentram seus estudos no ensino noturno, colocando em segundo plano a escolarização em detrimento da carreira no futebol (SOARES *et al.*, 2011a). E, na medida que se aproxima o momento da profissionalização, maiores são os números de matrículas no ensino noturno (Melo *et al.*, 2014).

Com a proximidade da possibilidade de subir para a categoria profissional, Rigo *et al.* (2018) afirmam que há indícios de que quanto maiores são as possibilidades de se profissionalizar no futebol de alto rendimento, menos os jovens se dedicam aos estudos. No entanto, a imagem amplamente difundida de que a formação de atletas nas categorias de base cria graves empecilhos à presença na escola ou leva ao abandono da escola devido ao investimento no futebol profis-

sional não foi um elemento evidenciado.

Assim, a formação nas categorias de base, como um caminho seguido com o propósito de ocupar uma vaga no mercado da bola extremamente concorrido, faz com que as formas de agir e de se comportar sejam voltadas desde muito cedo para esse objetivo. Desta forma, a possibilidade de ingressar na carreira do futebol é colocada em primeiro plano em relação à educação formal. Melo *et al.* (2014) constataram que a permanência na escola não significa empenho nos estudos e levantaram a discussão em relação ao controle e à fiscalização do cumprimento dessas normas, pois quando o jovem sinaliza que deseja tentar a profissionalização no futebol, a escola contribui em favor da carreira do atleta. Indo ao encontro da racionalidade neoliberal, onde a formação para o mercado ocupa lugar central, até mesmo para instituições educacionais, como a escola, que tem como uma de suas tarefas a educação integral dos sujeitos.

Mesmo os pais, os familiares e a escola fazendo uma aposta de futuro no futebol como negócio, o mercado da bola não apresenta um volume grande de boas oportunidades. Suportar uma grande pressão faz parte do cotidiano dos jovens nas categorias, que convivem ainda com uma pressão pelo resultado e pelo desempenho que responsabilizam individualmente o sujeito. Além disso, as condições de trabalho oferecidas pela maioria dos clubes, com a precariedade na estrutura de trabalho, os salários baixos e a flexibilização dos contratos, aparecem na realidade prática como algumas das violações de direitos que acabam por impactar nas condições de vida dos trabalhadores da bola, além da lógica do descarte, que é uma questão estrutural.

A precarização do trabalho é uma realidade bastante presente nas categorias de base, seja na trajetória dos treinadores, seja no caminho percorrido pelos atletas em busca da profissionalização, e ela se manifesta como uma contradição oculta desse trabalho.

Eu tenho uma MEI [Microempreendedor Individual] e eles me registram como MEI, eu

sou um professor, na minha MEI, um professor particular (Treinador 5, informação verbal).¹⁴

Não não, não tem nada, é uma combinação feita de boca, não tem nenhum tipo de vínculo formal digamos assim, não tem Mei, não tem CLT. A gente simplesmente combina com a coordenação como vai ser a remuneração [...] Algumas pessoas da comissão [Técnica] do profissional tem CLT daí. Os atletas do profissional tudo tem CLT (Treinador 1, informação verbal).¹⁵

Em relação ao regime de trabalho nas categorias de base, os treinadores têm seus vínculos empregatícios, em sua maioria, frágeis e com poucas garantias legais, a exemplo do vínculo como MEI, que funciona como mais uma forma que os clubes têm de ampliar seus lucros, pois ficam desvinculados de garantir os mínimos direitos trabalhistas, visto que o trabalhador é a "própria empresa" e assume todas as responsabilidades. Para Rodrigues *et al.* (2016), o mundo do futebol se renova constantemente devido às novas tecnologias e à circulação cada vez mais rápida de informações e, com isso, a formação e a atualização contínua são importantes para os profissionais. Desta forma, o fetiche da bola esconde todo um complexo processo de precarização e descarte da força de trabalho presente continuamente na vida desses trabalhadores, assim como na trajetória dos atletas.

Considerações finais

A bola rola nos grandes estádios brasileiros e a atenção é toda voltada para os pés dos jogadores em campo. Na narração, adjetivos como "artistas", "estrelas", "craques" são usados para despertar paixão e admiração em uma massa que, grande parte das vezes, é superexplorada no mercado de trabalho e tem a possibilidade de sonhar ao ver seu time em campo. Todo esse espetáculo, que alimenta corações e o grande capital, esconde uma série de contradições inerentes ao modo de produção capitalista. Com base na análise dos dados, foi possível apontar diversas contradições que constituem a trajetória juvenil, marcadamente fetichizada, isto é, entendida como

uma trajetória de sucesso, fama, altos salários, grandes contratos de publicidade, mudança de vida, entre outros, fatos que não se sustentaram na realidade analisada.

A constituição do mercado da bola possui íntima relação com a estruturação do trabalho na sociedade capitalista, principalmente em tempos da financeirização do capital internacional. Assim, a mediação com os modos e condições de vida dos jovens, como em qualquer outro tipo de trabalho, no mercado do futebol, na lógica capitalista, se sustenta na relação social de exploração do trabalho, que extrai ao máximo a força de trabalho para a produção de mercadorias. Neste contexto, os jovens jogadores de futebol são a principal "engrenagem" dessa indústria. Sua força de trabalho é transformada em mercadoria e explorada conforme o interesse do capital. O mercado do futebol de alto rendimento movimenta quantias financeiras bilionárias com transferências de jogadores, comercialização de transmissão e direitos de imagens, entre outros, e é caracterizado por ser altamente competitivo e voraz. Ele se constitui como uma totalidade maior, ligada ao capital internacional, também composto por complexidades menores. Esse mercado tem como centro o continente europeu, e países como Portugal, Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália e França estão entre os mais destacados destinos dos jogadores brasileiros.

A realidade brasileira é marcada por grandes desigualdades sociais e, mais do que todos os outros esportes, o futebol nutre o desejo de mobilidade social, de "mudança de vida" por meio do esporte da grande maioria dos jovens que vivem em situação de pobreza ou, mais ainda, de miséria. No entanto, distante do entendimento do imaginário popular, o Brasil apresenta limitados postos de trabalho economicamente valorizados (MELO *et al.*, 2016; SOARES *et al.*, 2011a), com a descartabilidade e a exclusão como elementos constituintes do mercado do futebol, visto que a estimativa é de que menos de 1% dos jovens que desejam adentrar no mercado da bola con-

¹⁴ Depoimento do treinador 5 concedido aos pesquisadores no dia 5 de agosto de 2021.

¹⁵ Depoimento do treinador 1 concedido aos pesquisadores no dia 8 de julho de 2021.

seguem se tornar jogadores de futebol (TOLEDO, 2002). Dessa forma, a maioria dos jovens que percorrem o caminho da profissionalização do futebol com o intuito de fazer parte do mercado da bola não são aproveitados e, entre aqueles que conseguem se profissionalizar, a imensa maioria dos jogadores de futebol e integrantes da comissão técnica dos clubes recebe salários muito baixos, dentro de um mercado de trabalho mundializado, altamente financeirizado. A precarização se constitui como marca nas relações sociais do trabalho no futebol, principalmente, com a precária estrutura de trabalho. Os postos de trabalho oferecem salários baixos, flexibilização dos contratos com vínculos empregatícios com poucas garantias legais de direitos trabalhistas, entre outros.

A trajetória dos atletas nas categorias de base começa desde muito cedo, atravessa a infância, adolescência e chega à vida adulta. É, portanto, um longo processo, cada vez mais acelerado, de produção de jogadores e de preparação da força de trabalho com o intuito de garantir uma vaga no concorrido mercado de trabalho do futebol. Nesse caminho, os jovens encontram diversos percalços ao colocarem a profissionalização no futebol em primeiro plano, pois são levados a abdicar dos espaços de lazer e a ficar longe da família em muitos momentos, assim como há empecilhos para a continuidade e aproveitamento dos estudos para a formação dos sujeitos.

A trajetória juvenil, no futebol, vem se constituindo como um processo no qual os jovens passam por muitas dificuldades ao iniciarem de forma precoce e ao permanecerem, por um longo período, dedicados aos treinamentos, à repetição e à aprendizagem de gestos motores, o que acaba por levar muitos deles a colocar em segundo plano a formação e os estudos na educação básica, tendo que abdicar da convivência familiar e comunitária. O mercado de trabalho, no futebol de alto rendimento, é marcado por processos de exclusão, já que a descartabilidade é um elemento que o constitui, dado que dispõe de poucos postos de trabalhos bem remunerados que são, portanto, altamente concorridos.

Além disso, apresenta condições precárias de trabalho, contratos frágeis e flexíveis e oferece poucas garantias legais. Todas essas questões impactam diretamente na saúde mental dos jovens que ainda estão vivenciando um importante processo de desenvolvimento.

Os relatos orais dos jovens atletas apontam para as muitas dificuldades encontradas no caminho de preparação para o mercado de trabalho nas categorias de base, de forma que, à medida que os jovens vão subindo de categoria, a cobrança por esforço e empenho vai se intensificando e, aquilo que em um primeiro momento poderia ser entendido como uma brincadeira e divertimento, vai sendo capturado pela lógica de mercado. Com isso, não são poucas as histórias de superação, pois são muitas as situações de dispensas, frustrações, lesões, não convocações, derrotas e eliminações, entre outros. Assim, antes mesmo de chegar no futebol profissional, os jovens podem se deparar com e vivenciar situações de violação de direitos, que incluem o afastamento da convivência familiar e comunitária e a dificuldade de conciliação com os estudos, conforme já mencionado anteriormente, além do preconceito com o corpo, gordofobia, violência sexual, que são alguns dos exemplos que emergiram nos relatos orais. Isso evidencia que a violação de direitos não é uma mera obra do acaso e é mais presente do que se possa imaginar à primeira vista.

Nesse sentido, os achados da pesquisa demonstram a necessidade de romper com os fetiches do mercado da bola, que estão entranhados no imaginário social, pois é evidente que a realidade para a maioria dos jogadores de futebol é marcada pela descartabilidade, pelos baixos salários, pela flexibilização nas relações de trabalho e pelas estruturas de trabalho ruins, entre outras questões, porém essa situação de grande precariedade é invisível para grande parte da sociedade que "compra" a imagem, bastante difundida pelo veículo de informação da grande mídia, de atletas de futebol somente enquanto representação de sucesso. Essa aparência, muitas vezes, naturaliza, esconde e oculta processos de

exclusão e violação de direitos que os jovens no caminho da profissionalização do futebol podem vivenciar. Deste modo, é de suma relevância compreender o funcionamento desse mercado no que se refere à inserção laboral dos jovens no mercado da bola.

O estudo não tem o objetivo de encerrar o debate, muito pelo contrário, compreende-se, a partir do método materialista histórico-dialético, que todas as totalizações são provisórias, logo, o “fim de jogo” marca o início de “novas partidas”. Isso é: seria fundamental aprofundar ainda mais os estudos no âmbito da formação de jogadores no caminho da profissionalização e a consequente entrada no concorrido mercado de trabalho do futebol

Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALVES, Giovanni Antonio Pinto. Crise Estrutural do Capital, Maquinofatura e Precarização do Trabalho – a questão social no século XXI. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 235-248, dez. 2013.
- BRACHT, Valter. *A Sociologia Crítica do Esporte*: Uma Introdução. Ijuí: Unijuí, 2005.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.
- BRASIL. *Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 13563, 16 jul. 1990.
- BRASIL. *Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, p. 1, 6 ago. 2013.
- BRASIL, Vinícius de Moraes. *A Copa do (A) Capital*. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 2005.
- DAMO, Arlei. *Do dom à profissão*: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 434 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.
- GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Esportivização. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. *Dicionário crítico da educação física*. 2. ed. rev. Ijuí: Editora Unijuí, 2008. p. 170-174.
- GRESPLAN, Jorge. *Marx e a crítica do modo de representação capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GROPPO, Luis Antonio. *Juventudes*: Sociologia, cultura e movimentos. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2016.
- GUIMARÃES, Arthur Silveira. *Além das quatro linhas*: estudo sobre a trajetória profissional de jovens atletas do futebol. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- LUKÁCS, Györg. *História e Consciência de Classe*: estudos de dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MAIOR, Jorge Luiz Souto. Lei geral da copa: explicitações do estado de exceção permanente. In: JENNINGS, Andrew et al. *Brasil em jogo*: o que fica da Copa do Mundo e das Olimpíadas? São Paulo: Boitempo, 2014. p. 33-39.
- MARX, Karl. *O Capital*: crítica da economia política: Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MELO, Leonardo Bernardes Silva de; ROCHA, Hugo Paula Almeida da; SILVA, André Luiz da Costa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 38, n. 4, p. 400-406, 2016.
- NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. *Economia política*: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2009.
- PINTO, Geraldo Augusto. *A organização do trabalho no século 20*: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos. *Futebol e violência*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Daniel Vidinha da; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, 31 escolarização e inserção no futebol profissional. *Movimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 263-274, jan./mar. 2018.
- RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 260-299, jan./jun. 2004.

RUBIO, Katia. Rendimento esportivo ou rendimento humano? O que busca a da psicologia do esporte? *Psicologia para América Latina*, México, n. 1, 2004.

SMOUTE, Leandro; GOMES, Debora; COUTINHO, Silvano da Silva. A hegemonia do futebol enquanto esporte em um programa de mídia esportiva e suas relações com o esporte na educação física escolar. *Conexões: educação física, esporte e saúde*, Campinas, v. 15, n. 4, p. 396-409, 2017.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; COSTA, Felipe Rodrigues da; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; BENTO, Jorge Olímpio. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011a.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; ROCHA, Hugo Paula Almeida da. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. *Motriz*, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 252-263, abr./jun. 2011b.

TOLEDO, Luiz, Henrique de. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec, 2002.

VAINER, Carlos. Como serão nossas cidades após a Copa e as Olimpíadas? In: JENNINGS, Andrew *et al.* *Brasil em jogo: o que fica da Copa do Mundo e das Olimpíadas?* São Paulo: Boitempo, 2014. p. 71-77.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.

Maurício da Silva César

Mestre em Política Social e Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Giovane Antonio Scherer

Doutor em Política Social e Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Maurício da Silva César/ Giovane Antonio Scherer
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Ramiro Barcelos, 2777 - sala 318 do Anexo I Saúde
Santana, 90035-007
Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.